

# Tranquilidade volta ao Guijá ainda enlutado

- ◆ Residentes da vila regressam às suas casas e recuperam o que podem
- ◆ Sobreviventes do acto criminoso falam das atrocidades do inimigo ao "Notícias"

por Bonga Khombo (texto) e Joseph Jack (fotos)

N. 28/1/88

Depois do bárbaro ataque à vila do Canicado, sede do distrito do Guijá, na provincia de Gaza, na madrugada de sábado último, as populações ali residentes, grande parte das quais se haviam refugiado para a cidade de Chókwè, que dista a seis quilómetros, voltaram às suas residências, retomando o ciclo normal de vida. Assim, conforme pôde apurar o nosso correspondente no distrito do Limpopo, decorre neste momento a recu-

Foi no passado dia 23 de Janeiro corrente, recorde-se, que os bandidos armados assassinaram 71 pessoas e provocaram ferimentos ligeiros em 15, que se encontram internadas no Hospital Rural da Cidade do Chókwè.

No contra-ataque que as nossas Forças empreenderam de imediato, foram abatidos 10 BA's e localizados os respectivos corpos, capturados três, dois dos quais com as suas armas, nove armas ligeiras e recuperadas oito carroças cheias de sacos de diversos produtos saqueados nas lojas, duas bicicletas e uma motorizada.

Segundo uma fonte da unidade das FAM/FPLM estacionada no distrito do Chókwè, contactada pelo nosso jornal: presumimos que o número de bandi- dos abatidos seja muito maior, porque o bandido, ao sentir-se acossado pelo fogo das nossas armas, preocupou-se em recolher os corpos dos mortos e suas armas, razão pela qual teve de abandonar muitos dos haveres que havia roubado.

Receia-se também que o número de vítimas venha a crescer, pois foram raptados 60 civis e pelo trilha do inimigo, têm vindo a ser descobertos mais corpos de pessoas que vai assassinando, barbaramente, como o retalição.

## RASTO DE CRIME

Os correspondentes do «Notícias» chegaram a Canicado duas horas após cessar o fogo das balas do inimigo,



«Não sei o que foi feito da minha mulher e dos meus cinco filhos», Inácio Dimande

em consequência da resposta das nossas Forças, e no local puderam testemunhar a natureza criminoso dos bandidos armados. Assim, encontravam-se prostradas em terra crianças friamente assassinadas junto das suas mães, velhos, homens e mulheres in-

peração de algumas das infra-estruturas destruídas, as que não requerem grandes necessidades em materiais. Paralelamente, as estruturas locais do Partido e Estado, empenham-se em acções de apoio aos familiares das vítimas, bem como à inventariação dos danos humanos e materiais causados pelos agentes do regime sul-africano.

defesos que, na altura, se preparavam para mais um dia de trabalho.

Era ainda cedo para ouvir os sobreviventes do massacre, tomados pelo pânico, medo e horrorizados pelo que haviam presenciado com os seus próprios olhos, desde pessoas a serem baleadas e tombando de imediato no chão até à destruição de casas de alvenaria, padaria, cantinas, hospital.

O inimigo, na sua sanha assassina tudo fez na tentativa vã de evitar que alguma vez Canicado pudesse retomar a vida, com a sua população laboriosa, grande parte da qual ocupada-se da agricultura, nos sectores familiar, cooperativo, estatal e privado.

Mesmo assim, estão praticamente dadas por destruídas a central eléctrica, o Palácio do Conselho Executivo, a residência do Administrador distrital, a sede do Comité Distrital do Partido, e casa de hóspedes, duas enfermarias, de um total de cinco que constituem o hospital da zona, para além de cantinas. Foi também incendiada a única ambulância que servia o estabelecimento hospitalar e roubados bens da população, incluindo alimentos, gado bovino, motorizadas e bicicletas.

## OS SOBREVIVENTES

Ismael Panshand, de 76 anos, e comerciante há mais de 30 anos naque-

le distrito, e cuja loja e residência geminada àquela, foram saqueadas e posteriormente destruídas completamente, ainda com o horror estampado no seu rosto, declarou ao «Notícias» — como testemunha ocular dos horrores a que acabara de assistir momentos antes — ter sido acordado com o barulho de disparos.

— Eram sensivelmente quatro e meia quando os bandidos entraram aqui na vila e começaram a disparar. Saltei da cama e tratei de pôr a minha mulher e netos, que vivem comigo,



De tantos bens que possuía, fruto de 35 anos de trabalho...», Victor Pereira

fora de casa. Quando ainda estava nesta operação, ouvi um estrondo arrombando a porta principal da minha loja.

Fomos esconder-nos debaixo das árvores existentes nas traseiras da loja. Ai assistimos horrorizados ao saque da loja e quando já eram sensivelmente oito horas deitaram fogo sobre a loja e começou a arder até ficar em ruínas como podem ver.

Panshand acrescentou que os criminosos, em número bastante elevado, eram constituídos na sua maioria por crianças dos doze a quinze anos, o que confirma a prática que ultimamente os BA's utilizam, que consiste no envolvimento de menores em acções sangüinárias.

Victor Pereira foi outra das vítimas dos bandidos, que perdeu a sua padaria, destruída completamente e a sua residência de seis divisões, saqueada e posteriormente incendiada.

— De tantos bens que possuía, fruto de quase trinta e cinco anos de trabalho árduo, no ramo industrial e agrícola, somente fiquei com o que trago no corpo. Felizmente salvei a cabeça porque decidi dormir no Chókwè na noite de sexta-feira. Conforme está a ver a minha residência em ruínas e toda esburacada de balas,



Restos daquilo que foi a cantina de Ismael Panshand, que se vê, ao centro, entre ruínas